

**MUSEU PEDRO LUDOVICO:
HISTÓRIA, MEMÓRIA, IDENTIDADE E EDUCAÇÃO EM GOIÂNIA**

Rildo Bento de Souza¹
Universidade Federal de Goiás
rildobento@gmail.com

O objetivo desse estudo é analisar a construção do médico e político goiano Pedro Ludovico Teixeira (1891-1979) a partir do seu museu-casa. De acordo com os seus biógrafos (TELES, 2004; ROCHA, 2016), em 1910 Pedro Ludovico saiu da Cidade de Goiás com destino ao Rio de Janeiro com o objetivo de estudar engenharia. Na então capital federal mudou de ideia e dedicou-se à medicina, formando em 1916. Ao retornar ao seu Estado natal passou um período em Bela Vista, logo depois em Trindade, e finalmente se estabeleceu em Rio Verde, no sudoeste goiano, em 1917. No ano seguinte, casou-se com Gercina Borges Teixeira, filha do coronel e então senador Antônio Martins Borges, que se opunha a situação política goiana, que era comandada pela família Caiado. De 1917 a 1930, quando assumiu a Interventoria Federal após a Revolução de 1930, Pedro Ludovico dedicou-se a medicina e ao jornalismo, já que fora editor do Jornal “O Sudoeste”, onde combatia seus adversários políticos.

Nas eleições de 1930 viu fracassar sua tentativa de ingressar à Câmara Federal, embora tenha sido o mais votado entre os candidatos da oposição. Em outubro, com a vitória da Aliança Liberal, da qual participara dos combates em Goiás, foi nomeado Interventor Federal. Nesse período pôde consolidar a sua principal bandeira política: a construção de uma nova capital. Criado em 1935, o município de Goiânia tornou-se capital do Estado dois anos depois.

Pedro Ludovico ficou quinze anos ininterruptos à frente do executivo estadual, de 1930 a 1945, ora como governador, ora como Interventor Federal. Em 1945, foi eleito para o Senado, abrindo mão do cargo para assumir o governo mais uma vez em 1951. Após o mandato, foi eleito senador em 1954 e reeleito em 1962, onde ficou até

¹ Doutor em História. Professor Adjunto da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás.

1969, após ser cassado e ter os direitos políticos suspensos por dez anos devido ao Ato Institucional nº 05 durante o Regime Militar. Morreu em sua casa em 1979, aos 88 anos de idade.

Essa casa, aliás, foi construída em estilo Art Déco entre 1935 e 1937, projetada por Atílio Correia Lima, urbanista que projetou Goiânia, e edificada pela equipe do escritório Coimbra Bueno, especialmente para abrigar o fundador da capital. É um imóvel de grande importância e interesse para a história de Goiânia, lembrança dos tempos pioneiros... “Nos períodos que Pedro Ludovico foi governador e senador, a família transferiu-se para o Palácio das Esmeraldas e para a cidade do Rio de Janeiro, respectivamente”². Nesses momentos a casa era alugada ou arrendada. Em 1969, os Ludovico voltaram a habitá-la, até a morte do patriarca.

Em 25 de setembro de 1979, pouco mais de um mês após a morte de Pedro Ludovico, o Governo do Estado de Goiás sancionou a Lei nº 8.690, que criou o Museu em homenagem ao fundador de Goiânia.

Art. 1º - Fica o Governo do Estado de Goiás, autorizado a implantar o MUSEU PEDRO LUDOVICO.

Art. 2º - O MUSEU PEDRO LUDOVICO terá sede no sobrado que serviu de residência ao fundador de Goiânia, à Rua 26, esquina da Rua 25, Centro, nesta Capital.

Art. 3º - O MUSEU PEDRO LUDOVICO se constituirá da casa residencial, dos móveis, biblioteca, utensílios e de todos os demais pertences, inclusive roupas e objetos de uso pessoal, que a família concordar em alienar ao Estado, para preservação, com detalhes, da memória do fundador de Goiânia.

Art. 4º - Para implantação do MUSEU PEDRO LUDOVICO fica o Governo do Estado autorizado a desapropriar o citado imóvel, pagando-lhe o justo valor, em dinheiro, aos herdeiros, de acordo com a avaliação do INAI e da Bolsa de Imóveis do CRECI, bem como a indenizar a família por todos os demais objetos que esta concordar em ceder para se incorporarem ao patrimônio do citado memorial³.

Entretanto, a desapropriação só aconteceu seis anos mais tarde, por meio do Decreto n. 2.488, de 05 de Julho de 1985, que declarou o imóvel onde morou Pedro

² MUSEU PEDRO LUDOVICO doravante designado MPL: Folder, 2010.

³ GOIÁS. Lei n. 8.690, de 25 de Setembro de 1979.

Ludovico e sua família de utilidade pública. “O imóvel de que trata este artigo será destinado à implantação do Museu Pedro Ludovico”. Ademais, fica “o expropriante autorizado a invocar o caráter de urgência no processo judicial de desapropriação, para os fins do disposto”⁴. Porém, o museu só foi criado em 18 de maio de 1987, por meio do decreto n. 2.712.

Art. 1º - Ficam instituídos, na Secretaria da Cultura, diretamente subordinados à Superintendência de Memória e Patrimônio Cultural:

I- Museu “Pedro Ludovico”, tendo por objetivo a preservação da memória cultural da capital do Estado de Goiás e a manutenção de um centro de pesquisa com base nos documentos deixados pelo fundador de Goiânia e nos que vierem a ser reunidos para permitir o levantamento documental da história de Goiás em seus vários aspectos⁵.

Em 1987, o Estado pagou pelo imóvel dezessete milhões de cruzados, divididos em três parcelas, abrangendo os móveis, a biblioteca particular de Pedro Ludovico, eletrodomésticos, pratarias, roupas, além de vários documentos. “A coleção de objetos pessoais, que inclui os materiais de sua esposa, consta dos troféus – símbolos de suas conquistas e vitórias – que enaltecem a trajetória vitoriosa do nosso personagem” (BARRETO, 2001, p. 112).

Nos cinquenta anos que separam a construção e a sua transformação em museu, a casa dos Ludovico sofreu várias modificações, como, por exemplo, a construção de novas dependências⁶. Para que o Museu fosse inaugurado em 25 de setembro de 1987⁷, “a casa sofreu algumas adaptações. Passou por restauração e

⁴ GOIÁS. Decreto n. 2.488, de 05 de Julho de 1985.

⁵ GOIÁS. Decreto n. 2.712, de 18 de Maio de 1987.

⁶ “A casa passou por algumas intervenções ao longo do tempo, em razão das necessidades da família. Em 1955, foi construída a sala de TV entre a varanda e a sala de jantar, no piso térreo. Na década de 1950, o banheiro da suíte do casal sofreu modificações no acabamento interno, durante serviços de manutenção na rede de esgoto. O revestimento original foi mantido. Em 1957, a família decidiu construir a piscina. No processo de restauração de 1974 foi construído um banheiro no piso térreo e dois quartos de hóspedes transformados em suíte. A intervenção atingiu também a fachada da casa: o muro ganhou grades para garantir maior segurança e foi revestido de pedras em toda a sua extensão” (MPL, 2010).

⁷ “Após todas as negociações, foi nomeada para instalação do Museu Pedro Ludovico uma comissão constituída pelos seguintes especialistas: Alba Tânia Rosauero Macedo, restauradora; Maria Teresinha Campos de Santana, historiadora e responsável pela direção do museu; Marilda Godói Carvalho, arquivista; Terezinha Boaventura de Paula, artista plástica e Mary José Yazigi, arquivista. Esses membros eram funcionários da Secretaria de Estado da Cultura. A comissão contava ainda com Anselmo Edson de

recebeu doações de bens que pertenceram ao casal Pedro Ludovico/Gercina Borges!”⁸. Atualmente, o Museu está sob a responsabilidade da Secretaria de Estado da Cultura.

O museu foi concebido para, de forma pedagógica, divulgar a memória de Ludovico, revigorando os acontecimentos comemorativos, buscando dar sentido à formação de um tempo histórico, reiterando-a a cada celebração do aniversário do personagem e de Goiânia. (...) A missão do MPL é mostrar em cada objeto, com sua aura simbólica, a presença, indissociável, da figura do fundador de Goiânia. Com essa renomeação, os objetos deixaram de ser orgulho apenas da família Ludovico e passaram a fazer parte de uma coleção que possuía a capacidade de construir as redes entre os objetos e a proposta de representação da memória coletiva. A exposição, então, atingiu uma de suas funções precípuas: de oferecer-se aos olhos dos visitantes com um ar cerimonial e uma função específica, a de representar a história. Ao entrar no museu, o visitante deve ver e depois se lembrar de elementos representativos do Estado Novo e da Marcha para o Oeste. Para isso, segundo a proposta museológica, basta, então, que a juventude tenha contato com a casa e com os objetos de conteúdos simbólicos, para que o tempo de mudanças e transformações ocorridas em Goiás seja revisitado e revigorado. (BARRETO, 2001, p. 104-106).

O Museu Pedro Ludovico está inscrito no Livro do Tombo do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado de Goiás desde 1981⁹, ou seja, é uma casa histórica que relembra o início da construção de Goiânia; porém, o que a distingue das demais criadas no mesmo período é a singularidade de ter sido edificada para abrigar a família do construtor e idealizador da nova capital. A casa histórica é aquela que apresenta “histórias e leituras de um determinado local”, ou cuja estrutura relaciona-se “com alguma figura pública de relevância nacional, regional ou local”, podendo evoluir para uma casa-museu (PONTE, 2007, p. 03).

A casa, antes de tudo, é um *lugar de memória*, que consagra, ressignifica e divulga a memória de Pedro Ludovico. De acordo com Pierre Nora, a história “é a

Teixeira Silva, engenheiro; Pedro Batista dos Santos, engenheiro, representando a antiga Emop – Empresa de Obras Públicas do Estado de Goiás e Vicente Porfirio Pessoa, profissão não identificada” (BARRETO, 2001, p. 52).

⁸ <http://www.secult.go.gov.br/post/ver/143356/monumentos>

⁹ Despacho nº 1.096/1982 (Processo CEC 302/81) e Decreto nº 4.943/1998 (Processo 16204654).

reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais”, enquanto que a memória “é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente”; ou seja, nos lugares de memória, a reconstrução do passado, ou melhor, a representação do passado, só consegue ter um sentido se, pela memória, os indivíduos conseguem se identificar simbólica e afetivamente (NORA, 1993, p. 09). Outrossim, os lugares de memória, compreendem como um momento de articulação onde a consciência “da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema da sua encarnação” (NORA, 1993, p. 07).

Nessa perspectiva, no Museu Pedro Ludovico, houve uma *ruptura com o passado*, porque embora haja uma *memória esfacelada*, por entre os móveis, objetos, roupas e documentos dos moradores mais ilustres, eles já não residem naquele ambiente. Porém, é possível ver essa memória *encarnada* no local, onde tudo conspira, não para reviver esse passado, mas para representá-lo da forma mais “real” possível. O objetivo do Museu é fazer com que o tempo de Pedro e Dona Gercina se mostre em todos os seus detalhes; é, pois, uma *invasão* à privacidade de um casal, que a qualquer momento pudesse retornar.

Essa sensação de intimidade que os Museus, principalmente os museus-casa e os biográficos causam, se insinua por meio das lembranças que a exposição consegue despertar nos seus visitantes. Em qualquer outro lugar, um Museu Pedro Ludovico, pressupomos, não despertaria uma memória “afetiva e mágica”¹⁰ tão bem quanto a sua casa. Nele, Pedro Ludovico se torna um homem *comum*, que gostava de ver televisão, principalmente o futebol, ler bons livros, divertir-se na piscina, dirigir sua caminhonete vermelha, ouvir boa música, tomar boas bebidas e comer jabuticaba no quintal. Sua casa permite esse tipo de interação entre o público e a representação de um homem, que dentre outras coisas, construiu Goiânia. Será que conhecer o homem que criou a cidade não é o grande chamativo para o Museu? Ou, conhecer o Museu do homem que criou a cidade não é, porventura, uma forma de legitimar o poder e a dominação exercido pela esfera governamental para criar os seus símbolos, com o objetivo de manter a ordem social e os laços de identidade? Em última análise, o discurso do vencedor, que é o

¹⁰ Cf. NORA, 1993, p. 09.

discurso de Pedro Ludovico, ordenado expograficamente no Museu, que também é o “*Museu da Cidade de Goiânia*”, não favorece, para além da sua perpetuação mítica, um processo contrário de contestação a esses símbolos impostos?

Para tentarmos compreender melhor o sentido de um museu-casa, como o de Pedro Ludovico, Mário Chagas, em um interessante artigo sobre a “poética” das casas museus de “heróis populares”, analisa a residência de três personalidades que se transformaram em museus, a saber: Chico Mendes, Mestre Vitalino e Cora Coralina e afirma que essas instituições, são, antes de tudo, “gestos políticos, com intencionalidades claras, gestos que implicam disputas no campo da política de memória” (CHAGAS, 2011). Ademais:

Não há dúvida de que a casa museu encena uma dramaturgia de memória toda especial, capaz de emocionar, de quebrar certas barreiras racionais, de provocar imaginações, sonhos e encantamentos. Por isso mesmo, é preciso perder a ingenuidade em relação às casas museus: elas fazem parte de projetos políticos sustentados em determinadas perspectivas poéticas, elas também manipulam os objetos, as cores, os textos, os sons, as luzes, os espaços e criam narrativas de memória com um acento lírico tão extraordinário que até os heróis épicos, os guerreiros valentes e arrogantes, e os homens cruéis e perversos são apresentados em sua face mais cândida e humana; afinal eles estão em casa, e ali eles precisam dormir em paz, receber visitas, comer e atender a outras necessidades físicas. As casas museus, assim como os documentos, os signos e todos os outros museus, podem ser utilizadas para dizer verdades e para dizer mentiras. O que fazer? Fugir das casas museus como quem foge de casas mal assombradas? Haverá um outro caminho? Talvez seja possível exercitar uma nova imaginação museal que, abrindo mão da ingenuidade, valorize a perspectiva crítica, sem abrir mão da poética, e busque conectar a casa museu com as questões da atualidade, com os desafios do mundo contemporâneo. O exercício de uma nova imaginação museal também permitiria e estimularia a criação de novas casas museus, casas que encenassem novas dramaturgias, que valorizassem a dignidade social, o respeito às diferenças, o respeito aos direitos humanos, à liberdade, à justiça; que registrassem no presente e projetassem no futuro a memória criativa daqueles cuja memória é frequentemente esquecida, silenciada, apagada (CHAGAS, 2011).

Após ir ao Museu Pedro Ludovico algumas vezes e fazer a visita guiada sozinho, e também acompanhado por alunos do ensino fundamental, do ensino médio, populares e amigos, questões como essas levantadas por Mário Chagas emergem. A casa está lá, posta, *dramaturgicamente* arrumada para fazer perpetuar o mito. À espera de alguém que nunca chega, mas que é o dono da casa, mistura-se várias sensações: o *respeito*, devido a bem urdida trama de alguém que enfrentou muitas adversidades em prol do bem comum do Estado, como quando somos imersos pelo sentido “*ideológico*” da Revolução de 1930, onde já no hall de entrada, *mocinhos* e *bandidos* são apresentados e a história do herói é forjada; e o *receio*, de adentrar o seu quarto e o banheiro de pessoa tão importante, ou seja, de lhe invadir a intimidade.

Assim, quando se entra numa casa-museu, para além dos sistemas de vida doméstica, observando os objetos na sua forma original ou próximo dela, penetra-se directamente na intimidade de alguém, uma pessoa muitas vezes introvertida e que nunca pensou nesse espaço para ser fruído por estranhos. É esta intromissão, a vontade de olhar a forma como alguém ali viveu, que suscita o interesse de uma substancial parte do público. A memória pessoal, reflectida no espaço privado, transforma-se em memória colectiva, o espaço pessoal torna-se espaço público, procurado por quem pretende chegar ao íntimo de uma certa personalidade (PONTE, 2007, p. 06).

A esse processo de ressignificação de um espaço importante da vida humana em um museu, se dá o nome de musealização, que, do ponto de vista museológico é a “operação de extração, física e conceitual, de uma coisa de seu meio natural ou cultural de origem, conferindo a ela um estatuto museal”, ou seja, “consiste meramente na transferência de um objeto para os limites físicos de um museu (...). Um objeto de museu não é somente um objeto em um museu”. Ao adentrar o museu, muda-se o “estatuto do objetivo”, que para ser apresentado na exposição, precisa, primeiramente, ser ressignificado ao contexto e a mensagem que se quer transmitir (DESVALLÉES, MAIRESSE, 2013, p. 57).

Isso posto, os objetos do Museu Pedro Ludovico não estão lá por serem exclusivos e de importância histórica e patrimonial por si mesmos; e sim, por terem

pertencido a família¹¹. Nesse sentido, a geladeira, por exemplo, se encontra em exposição não por ser “antiga”, mas por ter feito parte de um universo particular que cercou o personagem homenageado, no seu espaço original. Isso é, de fato, o que distingue os museus-casas, ou casas-museus, dos demais tipos de museus e instituições de salvaguarda.

Mas o que é um museu-casa¹²? Para Mário Chagas, são casas que “saíram da esfera privada e entraram na esfera pública, deixaram de abrigar pessoas, mas não deixaram necessariamente de abrigar objetos, muitos dos quais foram sensibilizados pelos antigos moradores”. Nesse sentido, elas servem para evocar “nos visitantes lembranças de seus antigos habitantes, de seus hábitos, sonhos, alegrias, tristezas, lutas, derrotas e vitórias; mas servem também para evocar lembranças das casas que o visitante habitou e que hoje o habitam” (CHAGAS, 2011).

De acordo com António Ponte, a definição de um museu-casa ou casa-museu “é um exercício complexo”, uma vez que alguns focam no edifício, ou no ambiente, ou nas coleções, ou na vida de determinada pessoa ou grupo social (PONTE, 2007, p. 01). Ademais, tem que observar um conjunto de requisitos, tais como “a existência do espaço, a casa, local onde tenha habitado a personalidade que, pelos seus méritos, se distinguiu dos seus contemporâneos”. Por fim, deve-se atentar para vivência do homenageado no espaço, bem como aos bens móveis que a ele pertenciam¹³. “Espaço, homem e objectos têm de ser correlativos, para que seja possível um ambiente de vivência, fruído por alguém que criou um universo reflector das suas necessidades” (PONTE, 2007, p. 07).

¹¹ Iara Ribeiro Regiani fez um interessante trabalho de conclusão de curso sobre o acervo do Museu Pedro Ludovico, propondo um modelo de fichas de registro, localização e conservação para sistematizar a documentação museológica (REGIANI, 2014).

¹² Sobre esse assunto ver: ANAIS do Primeiro Seminário sobre Museus-Casas. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1997.

¹³ “(...) pode-se observar que muitas estruturas museológicas enquadradas nessa tipologia não têm qualquer sentido. Inúmeras casas-museus não reflectem personalidades, não apresentam realidades domésticas e/ou quotidianas relacionadas ao patrono. Concomitantemente, muitos dos homenageados nem sequer habitaram esses espaços, outras são criações posteriores, sem qualquer relação com os patronos. Certas casas-museus, embora apresentem realidades e espaços domésticos, não passam de museus regionais, outras deveriam ser museus de arte, podendo ter o nome do homenageado, uma vez que teve o mérito de desenvolver uma certa colecção, não devendo, contudo, assumir a denominação de casa-museu, pois não se apresentando como cenários da vida, não configuram uma casa-museu, mas podem assumir-se como um meio de manutenção de uma colecção intacta” (PONTE, 2007, p. 06-07).

Em seu trabalho de mestrado Micheli Afonso, por sua vez, aborda a categoria de *Casas-Museu de Memória Íntima*, no qual inclui o Museu-Casa Pedro Ludovico Teixeira¹⁴. Essa tipologia específica de museus tem por objetivo principal “a preservação da memória de um personagem de destaque para uma sociedade, através da manutenção de um espaço de vivência cotidiana e de intimidade familiar, ou de reconstrução destes locais”. Podem ser incluídos nessa categoria os locais que “abrigam gerações de uma mesma família, prestigiando o legado dos seus primeiros habitantes”. Ademais, “a expografia necessita estar alicerçada em objetos cotidianos e de cunho pessoal, que auxiliem na reconstrução das memórias do personagem que ali se homenageia” (AFONSO, 2015, p. 73)

Categorizar os museus-casas ou casas-museus é um trabalho complexo, como afirmou Antônio Ponte anteriormente. Vários museus históricos são tratados como museus-casas, embora não refletindo a vivência de uma personagem em específico. É buscando preencher essa lacuna que o trabalho de Micheli Afonso se assenta, criando assim a categoria de *Casas-Museus de Memória Íntima*, aquelas, que como a casa de Pedro Ludovico, servem para consagrar a vivência dos seus moradores ilustres.

Andréa Delgado, por sua vez, no seu trabalho de fôlego sobre a construção de Cora Coralina como Mulher-Monumento¹⁵, define o Museu de Cora como um “Museu Biográfico” (DELGADO, 2003, p. 19). Entretanto, esse conceito não faria sentido no caso do Pedro Ludovico, pois a exposição não contempla a sua “biografia” (no sentido do nascimento a morte); e sim, privilegia a sua biografia política, selecionada pela memória do próprio, quando escreveu o seu livro “*Memórias*”. Diferente de Cora Coralina, que nasceu na velha casa da ponte e carrega consigo toda a sua trajetória de dois séculos de história, a casa de Pedro Ludovico representa a sua vitória pessoal diante do processo de construção de Goiânia.

Igualmente, a casa de Cora Coralina – faça-a comparativamente porque são os únicos museus-casa de maior visibilidade no Estado de Goiás – é, antes de tudo, uma

¹⁴ A autora classifica o Museu Pedro Ludovico como “Casa de personalidade, de arquitetura destacada e de memória íntima” (AFONSO, 2015, p. 80).

¹⁵ O trabalho de Andréa DELGADO investiga “a teia discursiva que produz Cora Coralina como Mulher-Monumento, artesã e guardiã da memória, socialmente investida do poder de evocar, testemunhar e eternizar o passado. Processo que constitui uma das estratégias da instituição da cidade de Goiás como histórica e turística” (2003, p. 05).

Casa Histórica, tombada no final da década de 1970, cujo sentido narrativo só encontrou uma proeminência na memória da cidade devido a famosa poeta. A Casa de Cora está intrinsecamente ligada a sua poesia, a sua memória, a sua história e a sua atuação na antiga Capital, tanto que se tornou o seu símbolo maior e serviu como principal ferramenta de propaganda quando da candidatura da Cidade de Goiás como Patrimônio da Humanidade, conforme analisou a historiadora Andréa Delgado (2003).

O Museu Pedro Ludovico, por sua vez, só foi tombado na década de 1980, quando os arranjos para a consagração da sua memória, por meio de uma instituição museal, estavam adiantados. Ou seja, a casa de Pedro Ludovico é uma casa que se tornou patrimonializada devido ao seu morador ilustre, como também aconteceu com o seu túmulo e o cemitério que o abriga, que analisaremos na próxima parte. Por fim, o Museu Casa de Cora Coralina e o Museu Casa Pedro Ludovico serviram, cada um a seu modo, para moldar a imagem heróica de seus homenageados, propagar, difundir e preservar essa memória histórica que foi, anteriormente, pensada, talhada e moldada para gerar o efeito desejado, qual seja, a construção da Mulher-Monumento no primeiro caso e a consagração do mito no segundo, cujo processo teve início logo após a sua morte.

O Museu Pedro Ludovico é um dos espaços museais mais visitados do Estado. Na instituição há o cuidado em analisar estatisticamente a quantidade de visitantes. Esses dados nos foram apresentados e mostra mês a mês o fluxo de visitas e a motivação, que se divide em um público proveniente de instituições de ensino (escolas públicas, particulares e universidades), e os visitantes não vinculados a alguma instituição de ensino.

FLUXO DE VISITANTES MUSEU PEDRO LUDOVICO 2012/2016						
Mês		2012	2013	2014	2015	2016
Janeiro	Inst. de Ensino	27	0	237	0	0
	Público Geral	172	173	247	183	167
Fevereiro	Inst. de Ensino	0	165	182	60	63
	Público Geral	165	159	130	125	106
	Inst. de Ensino	330	165	311	261	215

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

Março	Público Geral	142	51	168	130	96
Abril	Inst. de Ensino	84	258	323	93	Reforma
	Público Geral	143	143	245	130	Reforma
Maio	Inst. de Ensino	461	422	455	433	237
	Público Geral	42	198	274	172	162
Junho	Inst. de Ensino	100	210	34	152	90
	Público Geral	208	164	187	214	114
Julho	Inst. de Ensino	0	0	51	0	115
	Público Geral	242	305	351	196	302
Agosto	Inst. de Ensino	343	326	525	251	330
	Público Geral	147	225	246	94	118
Setembro	Inst. de Ensino	329	361	405	375	370
	Público Geral	185	171	373	129	281
Outubro	Inst. de Ensino	514	478	559	346	381
	Público Geral	151	196	179	127	208
Novembro	Inst. de Ensino	482	320	574	502	268
	Público Geral	106	213	236	149	91
Dezembro	Inst. de Ensino	115	186	79	0	0
	Público Geral	100	18	59	134	152
Total		4.588	4.907	6.430	4.256	3.866

Fonte: Museu Pedro Ludovico.

Como nos revela a tabela acima, entre 2012 a 2013 houve um aumento pontual de visitantes, um aumento muito substancial em 2014 e uma diminuição drástica em 2015 e 2016. Deve-se levar em consideração que o museu esteve fechado durante o mês de abril de 2016 para reforma, entretanto, haja vista a média dos meses nos anos anteriores, seus números finais não ficariam mais expressivos do que o registrado. Como o museu é aberto todos os dias, inclusive sábados, domingos e feriados, a média diária de visitantes, no público total, foi de 12,5 em 2012; 13,4 em 2013; 17,6 em 2014; 11,6 em 2015 e 11,5 em 2016 (nesse último já subtraindo o mês que ficou fechado).

Um dos maiores índices de visitas ocorreu em outubro, quando há uma grande procura por parte das escolas, já que é o mês que se comemora o aniversário de Goiânia, no dia 24, e dessa forma, as escolas em conjunto com o museu planejam diversas atividades naquele privilegiado espaço de educação não-formal¹⁶. Ademais, a administração do museu toma a iniciativa de ligar para as instituições de ensino da Capital e insistirem para que visitem a instituição. Com isso, os professores são constantemente lembrados da existência do museu e como o mesmo pode auxiliá-los na complementação do desenvolvimento dos conteúdos do currículo.

Isso talvez explique a maior parte do público do Museu Pedro Ludovico seja constituído de alunos, principalmente do ensino infantil, fundamental e médio. Em 2012, 60,7% dos visitantes era desse grupo; em 2013, foi de 58,9%; em 2014 e 2015 foi de 58,1%; e em 2016, 53,5% eram de escolares.

Enquanto se constatou uma leve caída nas visitas de alunos (de 60,7% em 2012, para 53,5% em 2016), em contrapartida houve um aumento do número de visitas do público geral. Esse número que correspondia a 39,3% em 2012, aumentou para 41,1% em 2013, foi para 41,9 em 2014 e 2015, e chegou a 46,5% em 2016. Esses números demonstram que há uma procura muito grande pelo museu de um público que visita a instituição por que gosta, e não num grupo fechado como na escola, quando tem que ser feito todo um trabalho de conscientização, que é indispensável para se criar um público de museu no futuro.

Isso demonstra que há um interesse na sociedade em relação ao Museu e a personalidade que lhe dá o nome, cujas histórias e feitos são lembrados constantemente naquilo que Halbwachs denominou de *memória coletiva*. Goiânia como símbolo maior e o Museu como um lugar que ressignifica e divulga essa memória, tornam-se espaços que são recorrentemente buscados para forjar o sentido e o sentimento de identidade. Nessa perspectiva, o Museu “não se constitui apenas em um depósito da memória

¹⁶ Enquanto Educação Formal refere-se a um “sistema de educação hierarquicamente estruturado e cronologicamente graduado, da escola primária à universidade, incluindo os estudos acadêmicos e as variedades de programas especializados e de instituições de treinamento técnico e profissional”, a Educação Não-Formal compreende “qualquer atividade organizada fora do sistema formal de educação, operando separadamente ou como parte de uma atividade mais ampla, que pretende servir a clientes previamente identificados como aprendizes e que possui objetivos de aprendizagem”, como museus, meios de comunicação, a igreja, o teatro, o cinema, o parque, dentre outros (MARANDINO, 2009, p. 30-31).

material de Pedro Ludovico. Trata-se de um objeto de um ritual que adquire um caráter mitológico” (BARRETO, 2001, p. 48). Será que é atrás dessa personagem mítica e heróica que os visitantes adentram o Museu Pedro Ludovico?

REFERÊNCIAS:

AFONSO, Micheli Martins. *Uma abordagem brasileira sobre a temática das Casas-Museus: classificação e conservação*. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural). Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2015.

ANAIS do Primeiro Seminário sobre Museus-Casas. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1997.

BARRETO, Roseli de Fátima Brito Netto. *As estratégias da memória em Goiás: Política Cultural e criação do Museu Pedro Ludovico*. (Dissertação, Mestrado em História). Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2001.

CHAGAS, Mário. “A poética das casas museus de heróis populares”. In: Revista Mosaico. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2011. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/mosaico/?q=artigo/po%C3%A9tica-das-casas-museus-de-her%C3%B3is-populares>

DELGADO, Andréa Ferreira. *A Invenção de Cora Coralina na Batalha das Memórias*. (Tese, Doutorado em História). Campinas-SP: Universidade Estadual de Campinas, 2003.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. *Conceitos-chave de Museologia*. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, Conselho Internacional de Museus, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

GOIÁS. *Lei n. 8.690*, de 25 de Setembro de 1979.

_____. *Decreto n. 2.488*, de 05 de Julho de 1985.

_____. *Decreto n. 2.712*, de 18 de Maio de 1987.

MARANDINO, Martha (org.). “Museu como lugar de cidadania”. In: *Salto para o futuro. Museu e escola: educação formal e não-formal*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 2009.

NORA, Pierre. “Entre História e Memória: a problemática dos lugares.” In: *Projeto História*. São Paulo: EDUC (10), dezembro/1993.

PONTE, António M. Torres da. *Casas-Museus em Portugal: Teorias e Práticas*”. Dissertação (Mestrado em Museologia). Faculdade de Letras, Universidade do Porto, 2007. (Disponível em: <https://antonioponte.files.wordpress.com/2008/05/microsoft-word-texto.pdf>)

REGIANI, Iara Ribeiro. *Uma casa guarda muitas coisas: uma proposta de estruturação das fichas de registro como forma de compor a documentação museológica do Museu Pedro Ludovico*. (Monografia, graduação em Museologia). Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2014.

ROCHA, Hélio. *Tu és Pedro: uma biografia de Pedro Ludovico Teixeira*. Goiânia: Kelps, 2016.

TELES, José Mendonça. *A vida de Pedro Ludovico. Fundação de Goiânia*. 2ª edição. Goiânia: Kelps, 2004.